

A aquisição de passivas eventivas, resultativas e estativas em português europeu: um estudo experimental¹

Antónia Estrela

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, Centro de Linguística da
Universidade de Lisboa, Escola Superior de Educação de Lisboa
antoniaestrela@gmail.com

Abstract:

The aim of this work is to describe the acquisition of passive structures, using a grammaticality test, to assess whether children distinguish the three types of passives (eventive, resultative and stative) and their different properties. The results reveal that, at five years old, children do not show significant differences in the judgments of grammaticality assigned to various types of passive, showing chance level performance, contrarily to the performance of six-year-old children. Grammaticality contrasts are not completely understood by children, but we can already notice a statistically significant development in the recognition of the contrast between eventive and stative passives, and resultative and stative passives.

Keywords: language acquisition, passive structure, eventive, resultative and stative passives.

Palavras-chave: aquisição da linguagem, estrutura passiva, passivas eventivas, resultativas e estativas.

1. Introdução

Tendo em conta as recentes propostas de tipologia das construções passivas como eventivas, resultativas e estativas (Embick, 2004; Duarte e Oliveira, 2010; Duarte, 2013), o objetivo deste trabalho é apresentar um estudo de aquisição das estruturas passivas, recorrendo a um teste de juízo de gramaticalidade, que permita avaliar se as crianças distinguem os três tipos de passiva e as suas diferentes propriedades. A proposta defendida por Duarte (2013) parece dar conta, de um modo muito refinado, das especificidades que distinguem cada um dos tipos de passivas.

Na secção 2, apresentamos a proposta de Duarte (2013) que expõe, para o português, uma tipologia tripartida de passivas: eventivas, resultativas e estativas. Percorremos cada um destes tipos de passivas, exemplificando-os. Na secção 3, descrevemos o estudo experimental conduzido, que tem como objetivo aferir o desempenho de crianças de cinco e seis anos, no que diz respeito à sensibilidade perante as propriedades distintivas dos tipos de passivas referidos anteriormente. Identificamos os participantes no estudo, a metodologia utilizada e os resultados obtidos. É também feita a discussão desses resultados à luz da tipologia mencionada. Por último, apontamos, na secção 4, algumas considerações finais, em que

¹ Este trabalho foi desenvolvido no âmbito dos projetos *A Aquisição da estrutura passiva em português europeu* (SFRH/BD/36675/2007), (SFRH/PROTEC/67746/2010) e *Crosslinguistic and Crosspopulation Approaches to the Acquisition of Dependencies* (PTDC/MHC-LIN/4812-2012), financiados pela FCT.

destacamos o modo como as crianças lidam com a estrutura passiva, tendo em conta os contrastes propostos por Duarte (2013).

2. A tipologia tripartida de passivas

Há alguns estudos em que se questiona a distinção entre passivas verbais e passivas adjetivais (Jaeggli, 1986; Levin & Rappaport, 1986). Embick (2004) apresenta argumentos contra essa divisão e propõe uma tipologia tripartida para o inglês, fazendo a distinção entre participípios eventivos, participípios resultativos e participípios estativos. Contrariamente ao que assumem as teorias lexicalistas, o autor prevê que as passivas resultativas e estativas também possam ser formadas na sintaxe, recorrendo ao arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993), um dos recentes desenvolvimentos da gramática generativa, que assume que não existe uma componente lexical.

Duarte e Oliveira (2010) e Duarte (2013) argumentam a favor da adequação da proposta de Embick (2004) para o português e oferecem-nos fundamentação nesse sentido. Os exemplos de (1) a (3) constituem uma passiva eventiva, uma passiva resultativa e uma passiva estativa, respetivamente, detendo participípios eventivos, resultativos e estativos²:

- (1) O exemplo foi corrigido por um falante nativo.
- (2) O exemplo ficou corrigido (depois de ter sido revisto).
- (3) O exemplo está correcto.

Os participípios eventivos e os resultativos exibem uma componente eventiva que está ausente dos participípios estativos. A componente agentiva é apenas característica dos participípios eventivos. Estes são os únicos que podem ocorrer, em português, com agente da passiva, com advérbios orientados para o agente, com sintagmas preposicionais instrumentais. Para além disso, podem controlar o sujeito nulo de orações finais. Os exemplos em (4) e (5) dão conta do contraste entre eventivas e resultativas:

- (4) a. O exemplo foi corrigido por um falante nativo.
- b. O exemplo foi corrigido propositadamente (pelo autor).
- c. O exemplo foi corrigido com tinta azul.
- d. O exemplo foi corrigido por [um falante nativo]_i para [-]_i; mostrar a pronúncia correcta.
- (5) a. *O exemplo ficou corrigido por um falante nativo.
- b. *O exemplo ficou corrigido propositadamente (pelo autor).
- c. ?O exemplo ficou corrigido com tinta azul.
- d. *O exemplo ficou corrigido para mostrar a pronúncia correcta.

Os exemplos mostram que a ausência de uma componente agentiva nos participípios resultativos marca a diferença em relação aos eventivos. A distinção entre os participípios resultativos e estativos torna-se também pertinente, podendo ser perspectivada não apenas a partir do auxiliar com que se constrói (*ser/estar/ficar*), mas também com os tipos aspectuais de predicacões (Duarte e Oliveira, 2010:402).

2.1. Passivas eventivas

Quando estamos perante construções passivas eventivas, a natureza aspectual do participípio é irrelevante, como se pode verificar nos exemplos disponíveis em (6). Nestas frases, ocorrem participípios eventivos pertencentes a diferentes classes aspectuais básicas (Duarte e Oliveira, 2010:403):

- (6) a. Bagdad foi destruída pelos bombardeamentos americanos. (processo culminado)
- b. A janela foi aberta para arejar o quarto. (culminação)
- c. O carro foi conduzido por um piloto experiente. (processo)
- d. A sobremesa foi apreciada por todos. (estado)

² Os exemplos de (1) a (5) são de Duarte e Oliveira (2010:401).

De uma maneira geral, as orações passivas eventivas descrevem situações dinâmicas, em que uma das entidades envolvidas sofre alguma mudança (de estado, lugar ou posse). Este motivo explica a existência de grandes restrições no que diz respeito à ocorrência nestas orações de verbos transitivos estativos. Um exemplo, entre outros, é a impossibilidade de verbos estativos de posse admitirem passivas eventivas, como se vê em (7).

(7) *As riquezas são tidas pelos reis.

Na verdade, a possibilidade de haver a correspondente passiva de uma frase ativa depende do verbo utilizado, pois nem todos são compatíveis com esta construção. Assim, para haver uma passiva, o verbo em questão tem de ser transitivo (ou ditransitivo), isto é, um verbo com um argumento interno com a função sintática de complemento direto. São, portanto, excluídas, entre outras, passivas formadas com formas participiais de verbos inergativos, como em (8), de verbos inacusativos, como em (9) e de verbos que selecionam argumentos internos preposicionais, como em (9):

(8) *O João foi trabalhado.

(9) *O João foi desmaiado.

(10) *O trabalho foi interferido.

Para além disso, há algumas restrições a que a passiva eventiva está sujeita, nomeadamente a nível sintático e a nível semântico. As restrições de ordem sintática ligam-se essencialmente a questões de transitividade (Jaeggli, 1986; Baker *et al.* 1989; Peres e Mória, 1995: 212), enquanto as restrições de ordem semântica se baseiam na estrutura temática dos verbos (Duarte, 2003: 530).

2.2. Passivas resultativas

As passivas resultativas constroem-se geralmente com *ficar*. Este verbo marca o fim de um evento e o início de um estado resultativo, como se vê nos exemplos seguintes:

- (11) a. O vestido ficou danificado.
b. Os sumos ficaram estragados.

Aspetualmente, as passivas resultativas surgem principalmente com predicções básicas de tipo télico: culminações e processos culminados, como se ilustra em (12) e (13) (Duarte e Oliveira, 2010:403):

- (12) a. O espelho ficou partido.
b. O espelho já está partido.
(13) a. A cidade ficou destruída.
b. A cidade já está destruída.

Este tipo de passivas é incompatível com estados e raramente ocorre com processos, necessitando neste caso de contextos especiais (Duarte e Oliveira, 2010:403):

- (14) a. *A Rita ficou amada. (estado)
b. *A Rita já está amada.
(15) a. *O carro ficou empurrado. (processo)
b. */?O carro já está empurrado.

Para além do que já foi referido, outra característica que distingue as passivas eventivas das passivas resultativas é o facto de estas últimas não admitirem, geralmente, a realização lexical do argumento externo do verbo através de um complemento agente da passiva, como mostra a agramaticalidade associada ao exemplo (16):

- (16) *O espelho ficou partido pela rapariga.

A impossibilidade de ocorrência do agente da passiva deve-se, nestas construções, ao facto de o argumento externo não estar implícito, ao contrário do que acontece nas passivas eventivas. Assim, de acordo com Duarte e Oliveira (2010), as passivas resultativas não admitem advérbios orientados para o agente, não coocorrem com orações subordinadas finais (cf. (17)) e não admitem sintagmas preposicionais de valor instrumental (cf. (18)):

(17) *O espelho ficou partido para não se gastar mais dinheiro.

(18) *O espelho ficou partido com um martelo.

As passivas resultativas assinalam não só o estado resultante como ainda a fronteira da passagem a esse estado, pelo que admitem a expressão *em x tempo*, que mede o tempo que o processo demora até atingir o estado resultante:

(19) O espelho fica partido em 5 minutos.

Já quando a expressão *em x tempo* coocorre com passivas com *estar*, a interpretação primeira da expressão *em x tempo* é *daqui a x tempo*, como se observa em (20):

(20) *O espelho está partido em 5 minutos.

O facto de a expressão *em x tempo* não poder ocorrer nas passivas estativas mostra que a sua natureza não é eventiva. Pelo que foi dito, vemos que a passiva estativa contempla então o estado resultante, mas não a fronteira de passagem a esse estado.

2.3. Passivas estativas

As passivas estativas apresentam situações estativas, mas não encerram a componente da fronteira da passagem ao estado, como se pode ver nos exemplos (21) e (22):

(21) O autor é reconhecido mundialmente.

(22) A professora está desorientada.

O que se nota é que a construção com *ficar* e a construção com *estar* partilham o facto de exprimirem um estado, mas distinguem-se por apenas a primeira implicar dinamismo e uma alteração do estado de coisas.

2.4. Síntese

No quadro seguinte, apresentamos um resumo dos constituintes que poderão ser usados para aferir se determinada construção exibe uma estrutura passiva eventiva, resultativa ou estativa, e a respetiva gramaticalidade/agramaticalidade associada:

	Passiva Eventiva	Passiva Resultativa	Passiva Estativa
Sintagmas preposicionais de valor instrumental	✓	*	*
Orações subordinadas finais	✓	*	*
Complemento agente da passiva	✓	*	*
Advérbios orientados para o agente	✓	*	*
Expressão <i>em x tempo</i>	✓	✓	*

Quadro 1- O comportamento de participios eventivos, resultativos e estativos.

A distinção entre os vários tipos de passivas é feita através das propriedades dos nós funcionais ou dos verbos flexionados, mediante as suas propriedades de seleção. Duarte e Oliveira (2010: 406) optam por fazer representar tais propriedades do modo como se mostra abaixo³:

- i. *ser*: seleciona como complemento uma projeção funcional VoiceP, cujo núcleo seleciona uma projeção funcional AspP com o traço [+Fient]⁴;
- ii. *ficar*: seleciona tipicamente como complemento uma projeção funcional AspP com o traço [+Fient];
- iii. *estar*: seleciona tipicamente como complemento uma projeção funcional AspP com o traço [+Stative].

3. Estudo experimental

O objetivo deste estudo experimental é apresentar uma análise da aquisição das estruturas passivas, recorrendo a um teste de compreensão, que permita avaliar se as crianças distinguem os três tipos de passiva e as suas diferentes propriedades.

Em português europeu, as propriedades das passivas são determinadas pelos verbos que as formam (geralmente, *ser*, *ficar* e *estar*) e pelos participípios passados com os quais se combinam. Na ausência da homofonia sintática que se verifica, por exemplo, em inglês, poderá aqui vislumbrar-se uma tendência para a aquisição tardia destes diferentes tipos de passivas em português.⁵ Tendo o auxiliar um papel importante, a sua interpretação nem sempre é evidente, mesmo para os adultos, o que poderá tornar a tarefa das crianças ainda mais difícil.

Deste modo, a concretização deste estudo experimental fundamenta-se na necessidade de se aferir se as crianças são sensíveis à existência de passivas eventivas, resultativas e estativas, através de juízos de aceitabilidade sobre frases com diferentes auxiliares e constituintes que possibilitam a identificação/diferenciação do tipo de passiva, como se mostra abaixo:

(23) Eventivas vs. Estativas

- auxiliar e presença de um sintagma preposicional de valor instrumental

(24) Eventivas vs. Resultativas

- auxiliar e presença de uma oração subordinada final

(25) Resultativas vs. Estativas

- auxiliar e presença da expressão *em x tempo*

No primeiro contexto, o contraste entre os dois tipos de passiva baseia-se no auxiliar e na presença de um sintagma preposicional de valor instrumental; no segundo, o contraste assenta no auxiliar e na presença de uma oração subordinada final; e, no terceiro, o contraste baseia-se no auxiliar e na presença da expressão *em x tempo*. Os exemplos seguintes mostram o tipo de frases apresentadas às crianças e os juízos de gramaticalidade que se espera obter:⁶

(26) Passiva eventiva/ Passiva estativa

- a. O castelo foi construído com uma pá.
- b. *O castelo está construído com uma pá.

³ Para uma descrição mais pormenorizada da tipologia tripartida e das representações sintáticas dos participípios eventivos, resultativos e estativos das frases, veja-se a proposta de Duarte e Oliveira (2010).

⁴ Segundo Embick (2004: 366), “The feature [FIENT], for fientive, is a type of BECOME-operator. It denotes a becoming—or perhaps better, transition event—that moves toward a state. The difficulty in using a term like BECOME-operator, or the feature [BECOME], lies in the fact that this type of operator is often defined in terms of telic events, which is unwanted; see the discussion in Borer 2003. For this reason, I refer to the feature in question as [FIENT], with the note that it is of course related to BECOME and INCH (for inchoative), features familiar from the literature”.

⁵ Borer & Wexler (1987) recorrem à homofonia existente entre passivas verbais e adjetivais (no inglês) para explicar a facilidade das crianças em lidar com passivas verbais.

⁶ Este estudo experimental insere-se no trabalho de doutoramento intitulado *A aquisição da estrutura passiva em português europeu*, disponível em <http://run.unl.pt/handle/10362/11415>. Todos os exemplos que constituem o teste a que nos referimos podem ser consultados na secção Anexos.

- (27) Passiva eventiva/ Passiva resultativa
- a. O carro foi lavado para agradar ao pai.
 - b. *O carro ficou lavado para agradar ao pai.

- (28) Passiva resultativa/ Passiva estativa
- a. O quadro ficou pintado em cinco minutos.
 - b. *O quadro está pintado em cinco minutos.

Neste sentido, as hipóteses de trabalho que formulamos são as seguintes:

Hipótese 1: As crianças são sensíveis às diferenças entre as passivas eventivas, resultativas e estativas, distinguindo a conjugação de diferentes auxiliares (*ser, ficar, estar*) com diferentes constituintes.

Hipótese 1: As crianças têm mais facilidade em distinguir passivas eventivas de estativas do que eventivas de resultativas e resultativas de estativas.

A Hipótese 1 relaciona-se com a possibilidade/ impossibilidade de certos tipos de passivas ocorrerem com os constituintes acima referidos. A ocorrência destes constituintes está dependente de questões como eventividade e/ou agentividade representadas na frase.

A Hipótese 2 está diretamente relacionada com a estrutura sintática proposta para cada uma das construções (Embick, 2004; Duarte e Oliveira, 2010, Duarte, 2013). Por um lado, se a estrutura sintática subjacente a uma passiva eventiva é mais complexa do que aquela que está subjacente à estativa, tal levaria a que houvesse um grande contraste que seria mais facilmente reconhecido pelas crianças. Por outro lado, assumimos que é também mais notório o contraste entre uma frase com marcas claras de eventividade e agentividade e uma frase sem marcas que para isso apontem. Deste modo, quando as crianças se deparassem com uma passiva eventiva combinada com um sintagma preposicional de valor instrumental aceitariam essa frase, mas não uma passiva estativa com esse mesmo sintagma preposicional. Os exemplos em (26) dão conta desse contraste.

Assim, fornecendo o auxiliar *estar* marcas de não eventividade e de não agentividade à frase em (26)b, quando esta é combinada com um sintagma preposicional de valor instrumental (*com uma pá*), torna-se agramatical, sendo preterida pela criança. Como tal, o juízo de gramaticalidade revelará a aceitabilidade de uma frase como a de (26)a, em que se combina o verbo *ser* com o referido sintagma preposicional de valor instrumental.

Quer os participípios eventivos, quer os resultativos apresentam uma componente eventiva que falta aos participípios estativos. A componente agentiva, por sua vez, pode ser apenas associada aos participípios eventivos, de acordo com Embick (2004) e Duarte (2013). É precisamente essa agentividade que leva a que possam ocorrer, em português, com agente da passiva, com advérbios orientados para o agente e com sintagmas preposicionais instrumentais. É nessa conjugação de eventividade/ agentividade com os contextos referidos que esperamos que se baseiem os juízos de gramaticalidade das crianças.

A tipologia tripartida proposta para o português por Duarte e Oliveira (2010) e Duarte (2013) parece-nos adequada para dar conta das diferenças entre os três tipos de passiva, no que diz respeito à eventividade e agentividade. Por este motivo, será proveitoso verificar como reagem as crianças aos contrastes de gramaticalidade apresentados neste estudo.

Convém ainda dizer que, relativamente à conceção desta experiência, o seu planeamento passou por três fases. Numa primeira fase, testámos 7 adultos que tiveram de emitir juízos de gramaticalidade sobre frases passivas eventivas, resultativas e estativas em vários contextos diferentes. Numa segunda fase, e feitas as alterações necessárias, reformulámos o teste e aplicámo-lo a 47 alunos do primeiro ano do ensino superior. Finalmente, numa terceira fase, o teste foi aplicado a crianças de cinco e seis anos.

Antecipando-se a morosidade que seria suscitada por esta proliferação de contextos diferenciadores (sintagmas preposicionais de valor instrumental, orações subordinadas finais...), optou-se por testar com as crianças apenas os contextos em que os adultos revelassem melhor desempenho. Contudo, os resultados mostraram que os adultos testados revelaram um desempenho à volta dos 100% em todos os contextos e frases. Como tal, e partindo do princípio de que os vários contextos seriam indiferenciados ao nível da dificuldade, usámos, para a conceção do teste final, apenas as orações finais para diferenciar

passivas eventivas de passivas resultativas, tal como Crawford (2012), e recorreremos ao uso de sintagmas preposicionais de valor instrumental para diferenciar a eventiva da estativa; e à expressão *em x tempo* para diferenciar a passiva resultativa da estativa.

2.5. Metodologia

O teste aplicado às crianças, depois de feitas as alterações necessárias, tendo em conta dois testes previamente aplicados a adultos, continha os vinte verbos que constam do quadro seguinte:

Apagar	Estragar
Arranjar	Lavar
Colorir	Ligar
Construir	Molhar
Cortar	Partir
Coser	Pintar
Desenhar	Plantar
Despejar	Rasgar
Destruir	Riscar
Escovar	Varrer

Quadro 2: Verbos testados no estudo experimental.

A seleção desses verbos foi feita a partir das respetivas características sintático-semânticas, bem como do seu reconhecimento por parte das crianças. O teste foi constituído por 60 pares de frases passivas eventivas, resultativas e estativas, sobre as quais as crianças tinham de emitir juízos de gramaticalidade. Estas frases contrastavam passivas eventivas e estativas, passivas eventivas e resultativas, e passivas resultativas e estativas, sendo estes contrastes veiculados através de diferentes auxiliares e de constituintes que possibilitam a diferenciação do tipo de passiva, como sintagmas preposicionais com valor instrumental, orações subordinadas finais e a expressão *em x tempo*.

As frases passivas resultativas apresentam o verbo auxiliar no pretérito perfeito, uma vez que “o operador resultativo típico *ficar* marca a transição do evento para o estado resultante e este tempo, em português, marca exactamente essa transição pela informação terminativa que veicula” (Duarte e Oliveira, 2010: 407). Por sua vez, os estativos ocorrem geralmente no presente, por não existir uma transição e este tempo não marcar qualquer limite. As passivas eventivas não apresentam tais condicionantes ao nível do tempo verbal, pelo que optámos por usar o pretérito perfeito.

A aplicação da experiência decorreu do seguinte modo: as crianças visualizaram um vídeo em que eram apresentadas duas personagens/fantoches: um elefante e uma girafa. Posteriormente, foi-lhes dito que ambas as personagens costumavam ser muito amigas e unidas, mas que se haviam zangado uma com a outra, porque julgavam ambas que eram os melhores falantes de língua portuguesa. Assim, o papel da criança seria o de ajudar a decidir quem falava, de facto, melhor português: a girafa ou o elefante. Nesta fase da experiência, perguntava-se se a tarefa tinha ficado compreendida e esclarecia-se que, caso tivessem dúvidas, poderiam voltar a ouvir as frases ditas por cada personagem. A figura abaixo mostra as personagens que intervêm na história:



Figura 1. As personagens que intervêm na história.

De seguida, passava-se à experiência propriamente dita: as crianças ouviam uma das personagens primeiro e a outra imediatamente a seguir e tinham de indicar a que tinha falado melhor. Os pares de frases foram apresentados de modo aleatório e as personagens iam também surgindo aleatoriamente. As respostas das crianças foram registadas, tendo a aplicação do teste decorrido numa sala tranquila dos jardins de infância, em que se encontravam presentes a criança, o investigador (que manipulava o vídeo) e uma terceira pessoa que anotava as respostas.

Dado que o teste era composto por 65 pares de frases no total (de entre os quais, cinco correspondiam a *fillers*), cada criança esteve presente em duas sessões, com cerca de 15 minutos cada uma. As sessões decorreram em dias diferentes, tendo havido entre ambas cerca de uma semana de intervalo.

2.6. Participantes

Os testes foram realizados em maio de 2013, tendo sido testadas 40 crianças (20 do sexo masculino e 20 do sexo feminino) que frequentavam dois jardins de infância do concelho de Lisboa. As crianças foram selecionadas tendo em conta a sua idade e a língua materna. Todas tinham o português como língua materna, eram monolíngues e não estavam diagnosticadas com qualquer patologia que pudesse perturbar o seu desempenho no teste.

Faixa etária (anos, meses e dias)	Sexo masculino	Sexo Feminino	Total	Média de idades
5;1.15-5;11.26	7	13	20	5;5
6;0.6-6;5.28	13	7	20	6;3

Quadro 3: Dados relativos à idade e ao sexo das crianças que participaram no estudo experimental.

Neste estudo experimental, as crianças selecionadas têm cinco e seis anos. Esta opção está relacionada com o tipo de tarefa usado, que implica mais alguma concentração e conhecimento linguístico que pensamos serem mais difíceis de encontrar em crianças mais novas.

Para além destas crianças, foram testadas outras que foram excluídas do estudo por terem revelado um comportamento que, no nosso entender, comprometeria os dados apurados. Assim, três crianças revelaram, nas suas respostas, uma inclinação para indicar constantemente a girafa como sendo a personagem que melhor falava. Tal preferência poderia enviesar os resultados pelo que os dados relativos a estas crianças não foram considerados. Na verdade, Moriguchi *et al.* (2008) defendem que as competências linguísticas, como a competência pragmática, por exemplo, facilitam o desempenho da criança no sentido de responder corretamente, sem recurso repetido à mesma resposta. Também Fritzley & Lee (2003) sugerem que o desenvolvimento pragmático e o desenvolvimento de competências conversacionais reduzem a probabilidade de respostas enviesadas. Outras duas crianças optaram

consistentemente por uma resposta alternada, ou seja, selecionavam ora a girafa ora o elefante, numa clara demonstração de alternância de resposta, como se não pretendessem/soubessem, de facto, identificar quem melhor falava, pelo que também foram excluídas. Finalmente, uma criança foi excluída, porque, de modo muito consistente, escolheu a segunda frase ouvida, o que parece indicar que a escolha recaía sobre a frase que estava mais presente na memória.

2.7. Resultados

Nesta secção, descrevemos o desempenho das crianças nos três contextos, tendo também em consideração alguns desempenhos individuais. Perante os 60 pares de frases que contrastavam frases passivas eventivas/ estativas, eventivas/resultativas e resultativas/estativas, os resultados relativos ao desempenho das crianças foram os seguintes:

	5 anos	6 anos	<i>P-value</i>
eventiva/estativa	56.75%	71.75%	0,001
eventiva/resultativa	51.5%	53.75%	0,650
resultativa/estativa	54.5%	64.58%	0,003

Tabela 1. Resultado dos juízos de gramaticalidade nos três contextos.

Os resultados mostram que o contexto não tem um efeito significativo sobre o número de respostas corretas, aos cinco anos. Nessa idade, a distinção entre os pares eventiva/estativa, eventiva/resultativa e resultativa/estativa está ao nível do acaso.

Aos seis anos, o contexto tem um efeito estatisticamente significativo sobre o número de respostas corretas, havendo um melhor desempenho nos contextos eventiva/estativa e resultativa/estativa. O que os dados parecem mostrar é que, para as crianças de cinco anos, os diferentes auxiliares aliados a sintagmas preposicionais com valor instrumental, orações subordinadas finais ou a expressão *em x tempo*, por exemplo, não são suficientes para impor a interpretação correta quando são confrontadas com o contraste entre passivas eventivas, resultativas e estativas.

Contrariamente, para as crianças de seis anos, é mais fácil distinguir uma passiva eventiva de uma estativa, seguidamente, uma passiva resultativa de uma estativa e, por fim, uma passiva eventiva de uma resultativa. Importa salientar que, independentemente dos contextos, as crianças de seis anos não conseguem atingir um desempenho considerado ao nível do do adulto, 75%. Assim, vemos que, aos seis anos, o contexto tem um efeito estatisticamente significativo sobre o número de respostas corretas (teste H de Kruskal-Wallis⁷ (H(2)=8,535,p=0,014<0,05).

É importante retomar os dois aspetos que estarão a determinar o contexto passiva eventiva/ passiva estativa como aquele que apresenta um contraste mais visível. Por um lado, temos questões relacionadas com a representação da estrutura sintática, por outro, temos questões relacionadas com eventividade e agentividade. Ambas as questões estão interligadas.

No que respeita à passiva estativa, o participio comportar-se-ia como um adjetivo, não estando incluído v na sua estrutura, nem eventividade. Já a passiva eventiva implica a existência de um agente. Por sua vez, a passiva resultativa implica eventividade, mas não agentividade, o que constitui explicação para o facto de ter subjacente menos estrutura verbal do que a passiva eventiva e mais do que a passiva estativa. Portanto, parece que o contraste entre a representação sintática da passiva eventiva e da passiva estativa explicará o maior número de acertos por parte das crianças. A isto alia-se a existência, como já

⁷ Recorreu-se ao teste não paramétrico H de Kruskal-Wallis, que é o teste equivalente ao teste ANOVA (*One-Way Analysis of Variance*), porque este teste, tal como o teste paramétrico, se utiliza na comparação que envolve mais de duas conjunturas ou grupos independentes.

dissemos, do sintagma preposicional de valor instrumental, que foi usado neste teste precisamente para avaliar a diferença entre estes dois tipos de passivas.

As crianças, ao aceitarem a passiva eventiva com a oração subordinada final, reconhecem a existência do argumento implícito que não reconhecem na passiva estativa. Relembremos que Fox e Grodzinsky (1998) argumentam que a passiva verbal pode ocorrer com orações finais, uma vez que PRO da oração final é controlado pelo argumento implícito da passiva verbal. Também Gordon e Chafetz (1990) usaram orações subordinadas finais para distinguir entre passivas verbais e adjetivais.

Tendo sido o par eventiva/ estativa o que obteve melhor resultado, o que se seguiu foi o par resultativa/ estativa. Parece que a não eventividade e não agentividade da passiva estativa são marcas muito fortes que tornam mais visível a sua distinção relativamente a outros tipos de passivas. Por sua vez, o par eventiva/ resultativa é aquele perante o qual, aos seis anos, as crianças ainda parecem responder ao nível do acaso. Para além da estrutura sintática da passiva resultativa, o que a distingue da passiva eventiva é a sua não agentividade. A oração subordinada final não terá constituído uma marca suficientemente distintiva entre passiva eventiva e passiva resultativa, ou as crianças não foram capazes de reconhecer que o seu uso era exclusivo das passivas eventivas.

2.7.1. Alguns resultados individuais

Se considerarmos a análise de alguns resultados individuais, o que notamos é que houve crianças em ambas as faixas etárias com um desempenho muito positivo:

	5 anos	6 anos
	criança c22	criança c43
eventiva vs resultativa	80%	80%
eventiva vs estativa	85%	95%
resultativa vs estativa	100%	90%
média	87%	88%

Tabela 2. Alguns resultados individuais de crianças de cinco e seis anos.

Vemos que a criança c22 (5;1.15) obteve uma média de 87% nos três contextos, enquanto a criança c43 (6;4.15) tem uma média de 88%. Houve outras crianças que tiveram um desempenho acima dos 75% noutros contextos, não tendo revelado, no entanto, consistência no desempenho nos três contextos. O que estes dados individuais parecem mostrar é que há crianças que aos cinco e seis anos já conseguem reconhecer as diferenças existentes entre os três tipos de passivas em análise. Portanto, a haver dificuldades que dependem ou da faixa etária ou dos contextos, estas não poderão ser generalizadas.

2.7.2. Alguns resultados por verbo

Uma análise centrada nos verbos testados permite vislumbrar que há itens verbais que se destacam por terem sido os mais fáceis e outros que implicaram dificuldades acrescidas para as crianças. Fornecendo uma visão global sobre o desempenho das crianças de cinco anos perante os vinte verbos e nos três contextos em análise, o gráfico apresentado seguidamente permite constatar que o verbo *riscar* foi o que revelou o maior número de respostas corretas, 41, o equivalente a 68,3%. O verbo que se revelou mais difícil foi *coser*. Houve 26 respostas corretas, o equivalente a 43,3% de êxito.

A AQUISIÇÃO DE PASSIVAS EVENTIVAS, RESULTATIVAS E ESTATIVAS EM PORTUGUÊS EUROPEU:
UM ESTUDO EXPERIMENTAL

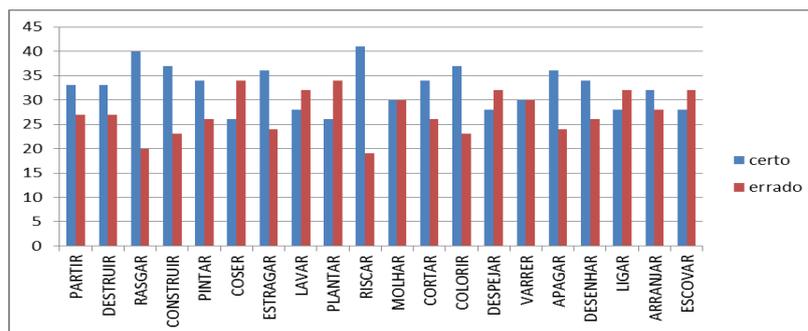


Gráfico 1. Desempenho das crianças de cinco anos, nos três contextos, por verbo.

No que concerne às crianças de seis anos, verifica-se que o verbo *rasgar* foi o que revelou o maior número de respostas corretas, 48, o equivalente a 80% das questões que envolviam este verbo. Verificou-se ainda que foi este o verbo que se apresentou mais regular. O verbo que suscitou mais dificuldade foi *colorir*. O valor de respostas corretas, 30, foi análogo ao de respostas erradas, o que equivale a afirmar que se verificou um sucesso de 50%.

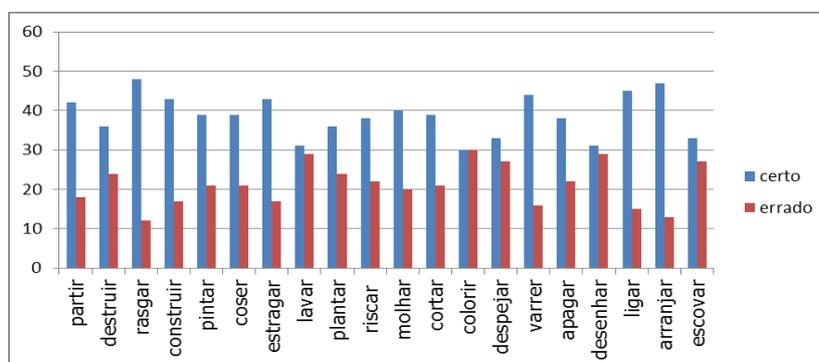


Gráfico 2. Desempenho das crianças de seis anos, nos três contextos, por verbo.

Aquando da seleção dos verbos a constar nas frases testadas, houve sempre o cuidado de seleccionar aqueles que representariam um léxico acessível para a criança. No entanto, vários motivos poderão explicar o facto de alguns verbos se terem revelado mais fáceis do que outros.

Uma vez que existe alguma variação perante os verbos testados, parece pertinente afirmar que o tipo de verbo poderá ter implicações na aquisição sintática da estrutura passiva. Esta variação entre verbos mostra que não é apenas a aquisição do auxiliar que está envolvida, mas também do participio passado.

4. Considerações finais

A partir deste estudo experimental, constatámos a forma como foi percebida a diferença entre passivas eventivas, resultativas e estativas, através da análise do desempenho de um grupo de crianças de cinco e seis anos num teste de juízo de gramaticalidade.

A primeira hipótese que levantámos diz respeito à sensibilidade das crianças face às diferenças entre os três tipos de passivas, distinguindo a conjugação de diferentes auxiliares (*ser*, *ficar*, *estar*) com diferentes contextos. A segunda hipótese relaciona-se com a probabilidade de haver maior facilidade em distinguir passivas eventivas de estativas, do que eventivas de resultativas e resultativas de estativas. Esta distinção baseia-se no impacto que a estrutura sintática subjacente a cada um dos tipos de passiva (Embick, 2004; Duarte e Oliveira, 2010; Duarte, 2013) pode ter ao nível da respetiva interpretação. Pensamos que o facto de a estrutura sintática subjacente a uma passiva eventiva ser mais complexa do que aquela que está subjacente à estativa levará a que haja um maior contraste que será mais facilmente reconhecido pelas crianças. Além disso, será também mais forte o contraste entre uma frase com marcas

muito claras de eventividade e agentividade (eventivas) e uma frase sem quaisquer marcas desse tipo (estativas). Esta distinção torna-se mais evidente quando às frases se associam sintagmas preposicionais com valor instrumental e orações subordinadas finais, por exemplo.

Perante os resultados obtidos, vemos que a diferenciação entre os três tipos de passivas não constitui tarefa simples. No entanto, ainda que, aos seis anos, as crianças não tenham atingido o nível do adulto nesta tarefa, tal não implica que não reconheçam e não compreendam cada uma das estruturas. O que parece não ter sido fácil foi o reconhecimento do contraste entre elas.

A evolução que se nota no desempenho das crianças de seis anos, quando comparado com o das crianças de cinco, constitui um indicador de que a tipologia tripartida de passivas, proposta por Duarte e Oliveira (2010) e Duarte (2013) para o português, se revela adequada e pertinente.

Referências

- Alexiadou, Artemis & Elena Anagnostopoulou (2008) Structuring Participles. In Chang & Haynie, (orgs.) *Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics*: Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 33-41.
- Baker, Mark, Kyle Johnson & Ian Roberts (1989) Passive arguments raised. *Linguistic Inquiry*, 20, 2, 219-251. (disponível em <http://alturl.com/trx6q>)
- Crawford, Jean (2012) *Developmental Perspectives on the Acquisition of the Passive*. Tese de Doutoramento. University of Connecticut. (disponível em <http://alturl.com/te3up>)
- Duarte, I. (2013) Construções ativas, passivas, incoativas e medias. In E. B. P. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura & A. Mendes (orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 429-458.
- Duarte, Inês & Fátima Oliveira (2010) Participípios resultativos. Textos Seleccionados, XXV *Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Porto: APL, pp. 397-408.
- Duarte, Inês (2003) A família das construções inacusativas. In Maria Helena Mira Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. (6ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho.
- Embick, David (2004) On the Structure of Resultative Participles in English. In *Linguistic Inquiry*, 35:3.
- Estrela, Antónia (2013) A Aquisição da Estrutura Passiva em Português Europeu. Tese de Doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Fox, Danny & Yosef Grodzinsky (1998). Children's passive: a view from the by-phrase. *Linguistic Inquiry*, 29, 2, pp. 311-332.
- Fritzley, Victoria Heather & K. Lee (2003) Do young children always say yes to yes-no question? A metadevelopmental study of the affirmation bias. *Child Development*, 74, pp. 1297-1313. (disponível em <http://alturl.com/kuyhu>)
- Gordon, Peter & Jill Chafetz (1990) Verb-based versus class-based accounts of actionality effects in children's comprehension of passives. *Cognition*, 36, pp. 227-254.
- Halle, Morris & Alec Marantz (1993) Distributed morphology and the pieces of inflection. In Kenneth Hale & Samuel Jay Keyser (eds.) *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge: The MIT Press, pp. 111-176 (disponível em <http://www.uni-leipzig.de/~muellerg/dm8.pdf>)
- Jaeggli, Osvaldo (1986) Passive. *Linguistic Inquiry*, 17, 587-622.
- Levin, Beth & Malka Rappaport (1986) The formation of adjectival passives. *Linguistic Inquiry*, 17, 4, 623-661.
- Moriguchi, Yusuke, Mako Okanda & Shoji Itakura (2008) Young children's yes-bias: how does it relate to verbal ability, inhibitory control, and theory of mind? *First Language*, 28, 431-442. (disponível em <http://alturl.com/kc9yj>)
- Peres, João Andrade & Telmo Mória (1995) *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.